



TENTATIVAS DE SE MANTER CORPO

ATTEMPTS TO KEEP THE BODY

Josélia Andrade Santos¹

RESUMO

O presente artigo trata-se da relação de mapeamento produzido em 2018 na Universidade Federal do Espírito Santo sobre performance art realizadas por corpos negros femininos para uma disciplina do curso de artes, com a produção autobiográfica em artes visuais nesta linguagem artística considerando o percurso pessoal a partir de uma perspectiva não eurocêntrica, branca e masculina. O processo denominado “Tentativas de se manter corpo” faz parte da pesquisa iniciada a partir do reconhecimento do corpo de mulher negra dentro de uma sociedade racista e machista. Esse processo trata-se antes de tudo, da descolonização do corpo/pensamento e de resistência em frente aos silêncios. O quarto da artista é onde as questões surgem e se transformam em material de estudo e questionamentos.

PALAVRAS-CHAVE

Corpo negro; Deconialidade; Performance; Processo de criação.

ABSTRACT

This article deals with the mapping relationship produced in 2018 at the Federal University of Espírito Santo on artistic performance performed by female black bodies for an art course discipline, with the autobiographical production in visual arts in this artistic language considering the personal journey from a non-Eurocentric, white and male perspective. The process called "Attempts to keep one's body" is part of the research initiated from the recognition of the black woman's body within a racist and sexist society. This process is first of all about the decolonization of the body/thought and resistance in front of the silences. The artist's room is where questions arise and are transformed into material for study and questioning.

KEYWORDS

Black body; Deconality; Performance; Creation process.

O PROCESSO ARTÍSTICO E AS REFERÊNCIAS NA PERFORMANCE

A partir de mapeamento realizado no ano de 2018 na Universidade Federal do Espírito Santo, para uma disciplina do curso de artes, foi conhecido os trabalhos artísticos em performance art de artistas negras que empregam na produção de seus trabalhos temáticas onde o racismo e a mudança de paradigmas são recorrentes.

¹ Josélia Andrade Santos é graduanda do curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo. Bolsista do Projeto escrita em artes da PROGRAD/UFES e voluntária do programa de Iniciação Científica 2019/2020. Contato: josy.andradesantos@gmail.com.



Percebe-se que os trabalhos conceituais a partir dos anos 1960 com registros nos livros do curso de artes na nossa universidade disponíveis na biblioteca, não contempla um número significativo de artistas não brancos. São referências que constam no currículo do curso de artes, mas que não reconhece a produção não hegemônica. Quando acontece de se pensar o corpo dessas artistas e desses artistas nessa linguagem geralmente limitam-se a criações com referências em temáticas religiosas e de enfrentamento ao racismo, o que dificulta aos artistas não brancos considerar suas produções ou suas vidas fora desses dois eixos.

O mapeamento nos levou a refletir sobre as performances das artistas negras e como era pensada a temática abordada. Ocorre que viver dentro de uma sociedade que privilegia o pensamento e a produção epistemológica eurocêntrica limita e dificulta artistas negras e negros pensarem fora de contextos estereotipados de corpo sem se submeter a uma exaustiva e violenta percepção desse corpo dentro dos ambientes tanto da vida quanto acadêmico.

No entanto, tais referências foram fundamentais para desenvolver um processo de descolonização do corpo/pensamento durante o início de pesquisa para uma poética nas artes visuais, especificamente dentro da performance artística. A partir do contato com a produção das artistas que criticavam as imposições eurocêntricas Charlene Bicalho, Castiel Vitorino Brasileiro, Priscila Rezende, Grada Kilomba, Olyvia Bynum, Rubiane Maia, Musa Michelle Matiuzzi, Kika Carvalho e Renata Felinto, conseguimos identificar os aspectos que paralizavam a nossa produção pessoal enquanto artista negra.

Dentre os aspectos paralizantes encontra-se a dificuldade para se pensar o corpo negro nas artes visuais sem identificá-lo a modelos eurocêntricos, outro fator importante é a falta de produção acadêmica em nossa Universidade de uma epistemologia não branca e eurocentrada voltadas para pensar o corpo de artistas negras em diferentes linguagens em artes visuais fora dos modelos convencionais.

Não podemos nos esquecer de que parte das artistas não brancas encontram dificuldade desde a escolha de produzir conteúdo nas artes visuais até o momento de ter sua produção incorporada e compartilhada no mercado de arte e nos locais de ensino de arte:



No que tange ao sistema da arte essa paliza, essa ausência dos assuntos que dizem respeito às negras e negros é evidente, desde o acesso à educação em artes visuais, seja do ponto de vista da formação humana quanto do da formação profissional; do acesso aos meios de criações artísticas; das formas de exibição, comercialização, escritas e registros dessas criações e acontecimentos; bem como os instrumentoss de análises e de abordagens que, por vezes, desconsideram e negligenciam os contextos históricos e sociais de inserção da pessoa negra no Brasil (SANTOS, 2019. p, 3).

Percebemos que se tornou fundamental para essas artistas falar sobre o impacto do racismo em sua relação e percepção de mundo. É a partir do compartilhamento dos traumas vividos por esses corpos que as artistas entram um processo de cura em relação ao racismo. Uma das artistas que desempenha papel fundamental na busca por entender esse adoecimento causado em uma sociedade racista é Castiel Vitorino Brasileiro. No “Quarto de cura”, 2018, Vitorino apresenta através do conhecimento de seus ancestrais, curandeirismo e estudos em psicologia, soluções para reverter o processo de adoecimento do corpo negro.

Durante o mesmo período da exposição Malungas no Museu Capixaba do Negro na cidade de Vitória, outra artista, Charlene Bicalho com a performance e instalação “Onde Você Ancora Seus Silêncios?” 2018, retorna ao ponto chave de nossa investigação; o silenciamento. É a partir de sua performance que sugerimos o espaço do quarto da artista enquanto espaço de registro das experiências frente a opressão do racismo e do machismo. Registrar nossos silêncios nas paredes do quarto tornou-se a resposta imediata dada por este corpo nesse ambiente de intimidade.

Grada Kilomba em Descolonizando o conhecimento lembrar-se de onde os corpos negros podem partir durante o processo de enfrentamento ao racismo; “a boca é um órgão muito especial, ela simboliza a fala e a enunciação. No âmbito do racismo, ela se torna o órgão da opressão por excelência, pois é o órgão que anuncia certas verdades desagradáveis e precisa, portanto, ser severamente confinada, controlada e colonizada”. (KILOMBA, 2016. p, 2). É através da boca que o corpo negro pode reivindicar sua existência dentro da sociedade, a iniciativa de falar sobre o racismo torna-se necessário dentro desse processo de descolonização de corpo/pensamento e de inserção como indivíduo na sociedade.



São essas artistas, as primeiras referências artísticas a nos levar a repensar nosso processo de criação em performance a partir de uma perspectiva não hegemônica.

Até então, o referencial teórico apresentado no curso de artes da Universidade Federal do Espírito Santo fundamentava em produções de artistas brancos, sendo disparador do mapeamento. Começamos a pensar em possibilidades para o corpo negro na performance artística com base na bibliografia produzida por pessoas negras de outras áreas que percebemos também, abordavam a temática do racismo.

A pesquisa começa a perceber o início de um longo processo de descolonização sendo paralizado muitas vezes pela violenta inserção através da língua do opressor no ambiente acadêmico, lembramos Bell Hooks que diz: “Esta é a língua do opressor, mas preciso dela para falar com você”, (HOOKS, p.224. 2013). Surge então, das experiências com as primeiras artistas da exposição *Malungas* e as leituras sobre racismo e silenciamento, a performance intitulada FALA (Figura 1) e (Figura 2) realizada em sala de aula com a turma de artes visuais da Ufes, (2018). Nesta performance, a artista escreve repetidamente a palavra fala em uma folha de papel branco medindo 4m x 1m, sugere a participação dos presentes, em seguida, paralelo a ação dos participantes realiza a leitura do texto de Audre Lorde: A transformação do silêncio em linguagem e ação.



Figura 1 e 2 - Josélia Andrade – FALA, 2018. Performance, 4m x 1m. Fonte: da autora.



Retornando ao texto de Audre Lorde para questionar a opressão sofrida dentro de espaços de convivência, entre eles o ambiente acadêmico, ela nos lembra: Quais são as palavras que você ainda não possui? O que você precisa dizer? Quais são as tiranias que você engole diariamente e tenta tornar suas, até que você adoeça e morra delas, ainda em silêncio? (LORD, 2017. p, 4). Construímos uma relação de compartilhamento em todos os espaços que possibilitou a inserção de uma perspectiva e experiências diferentes das privilegiadas nesses espaços.

Após iniciar e reconhecer a mudança de perspectiva enquanto corpo negro feminino nas artes visuais procuramos através da participação em grupos de pesquisa na Universidade Federal do Espírito Santo, elaborar iniciativas que possibilitassem dar a voz a esses corpos marginalizados e silenciados.

A participação em dois grupos de estudos provocaram a percepção da existência da colonialidade ao surgir conflitos em relação às referências que poderiam ser adotadas como base para análise da produção em performance. No primeiro grupo Erê Ecoa, com encontros realizados na UFES e coordenado pela professora Dr. Kiusam de Oliveira, foi estudado uma produção epistemológica não branca, possibilitou um rompimento mais definitivo com a produção e bibliografia ofertadas na Universidade no currículo de Artes.

No segundo grupo sobre Educação e Arte contemporânea, coordenado pela professora Dr. Julia Rocha foi estudado capítulos do livro da escritora Bell Hooks, “Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade”. Os dois grupos foram fundamentais para pensarmos a produção e divulgação de pesquisas e escritos de pessoas negras dentro da nossa universidade.

Durante o semestre, foi realizada a submissão de um subprojeto de iniciação científica abordando todo o processo desenvolvido desde o mapeamento. A pesquisa intitulada Tentativas de se manter corpo em andamento contribuiu para pensar a relação da artista, de seu corpo a partir de experiências do lugar do quarto do espaço público na cidade de Vitória e principalmente da produção epistemológica sobre arte e artistas negras e negros.



No subprojeto de pesquisa são apresentadas definições de espaço e lugar a partir de Yi-fu Tuanem “Space and Place”. Para ele o lugar e o espaço são diferentes na medida em que espaço é sinônimo de liberdade, enquanto lugar é sinônimo de segurança. O quarto da artista pode ser em poucos momentos um lugar seguro que apesar da sensação de não pertencimento do corpo, carrega os registros de experiências vividas por este corpo (Figura 3) e (Figura 4).



Figura 3 - Josélia Andrade – Sem título. 2019. Instalação do quarto, 3,63m x 2,47m. Fonte: da autora.

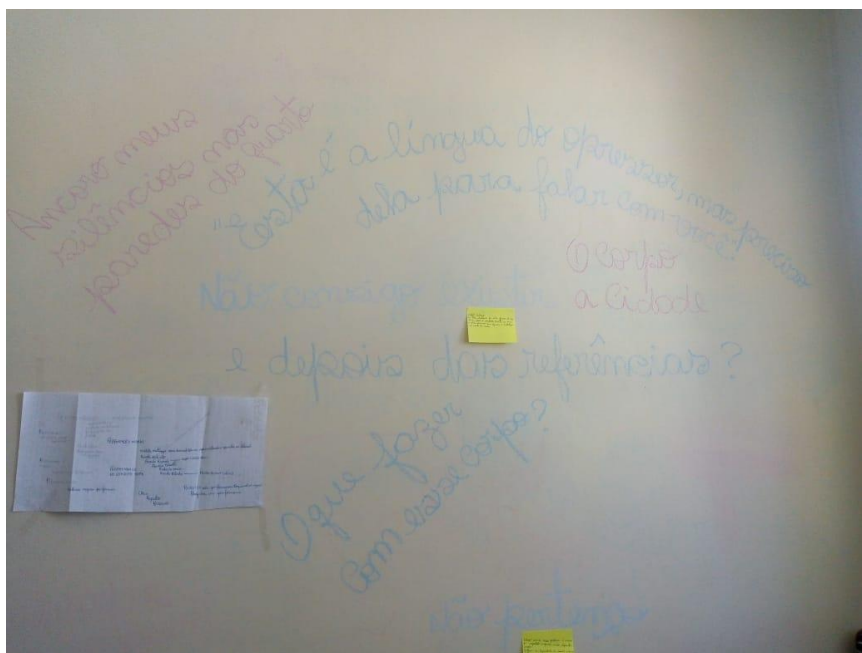


Figura 4 - Josélia Andrade – Sem título. 2019. Instalação do quarto, 3,63m x 2,47m. Fonte: da autora.

Durante o processo que constituiu as experiências dentro do quarto, foi pensado como um não lugar a partir da perspectiva de um corpo negro em uma sociedade que privilegia concepções eurocêntricas em todas as dimensões da vida. A vivência do não lugar do quarto é pensada a partir de Marc Augé:

“Vê-se bem que por “não-lugar” designamos duas realidades complementares, porém, distintas: espaços constituídos em relação a certos fins (transporte, trânsito, comércio, lazer) e a relação que os indivíduos mantêm com esses espaços (AUGÉ, 2001, p, 87).

Durante o período inicial de descolonização de corpo/pensamento ocorreu o reconhecimento de uma ancestralidade por meio de leituras, escritas, memórias e fotografias que darão continuidade ao doloroso processo de uma produção decolonial enquanto mulher negra em uma sociedade racista e machista.

Referências

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução Maria Lúcia Pereira. – Campinas, SP: Papyrus, 1994.

HOOKS, Bell. **Ensinado a transgredir**: a educação como prática de liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla – São Paulo. Editora Martins Fontes, 2013.

KILOMBA, Grada. The Mask. In: **Plantation Memories**: Episodes of Everyday Racism. Munster: Unrast. Verlag. 2. Edição, 2010. Tradução de Jessica Oliveira de Jesus. Disponível em:



file:///C:/Users/aluno/Downloads/115286-Texto%20do%20artigo-210398-1-10-20160510.pdf.
Acesso em: 09. Ago. 2019.

PREFEITURA DE VITÓRIA. **Mucane recebe exposição "Malungas", que discute o corpo afropoético.** 2018. In: <http://m.vitoria.es.gov.br/noticia/mucane-recebe-exposicao-malungas-que-discute-o-corpo-afropoetico-30952>. Acesso em: 09. Ago.2019.

RENTE, Angélica: A transformação do silêncio em linguagem e ação – Audre Lorde. In: **Transformativa**, 2017 (Artigo para blog). Disponível em: <http://transformativa.wordpress.com/2017/01/31/a-transformação-do-silêncio-em-linguagem-e-ação-audre-lorde/>. Acesso em: 23 Jul. 2019.

SANTOS, Renata Aparecida Felinto dos. A pálida História das Artes Visuais no Brasil: onde estamos negras e negros? In: **Revista GEARTE**, Porto Alegre, Ahead of print. 2019. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/gearte>. Acesso em: 31 Jul. 2019.

TUAN, Yi-Fu. **Space and Place**. São Paulo: Difel, 1983.